



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Uma Antologia Improvável', de AA.
VV.]

José Cândido de Oliveira Martins

Para citar este documento / To cite this document:

José Cândido de Oliveira Martins, "[Recensão crítica a 'Uma Antologia Improvável', de AA.
VV.]", *Colóquio/Letras*, n.º 187, Set. 2014, p. 263-265.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

AA. VV.

UMA ANTOLOGIA IMPROVÁVEL
A ESCRITA DAS MULHERES (SÉCULOS XVI
A XVIII)

Org. Vanda Anastácio

Lisboa, Relógio d'Água / 2013

Nas últimas décadas do século xx, os estudos literários foram marcados por renovadas tendências teórico-críticas como os estudos de *gênero*, no quadro mais amplo dos problemas sobre a *identidade e a diferença*. Após tempos de um feminismo mais radical e socialmente empenhado, os estudos femininos exploraram a oposição sexo/gênero, desde logo a partir da dicotomia natureza/cultura, partindo sobretudo da célebre tese de Simone de Beauvoir (*Le Deuxième Sexe*, 1949).

Entretanto, esta conceituação de gênero e a correspondente reflexão foram sendo superadas por outras orientações críticas, do «feminismo da diferença» — articulado com o pensamento de Derrida e de Lacan — até ao pensamento dos que defendem a necessária superação de certos binarismos e hierarquias anteriores (como Judith Butler e outros), compreendendo assim a categoria de gênero numa complexa rede de relações. Aliás, é neste âmbito que recentemente se têm focado os estudos sobre a escrita ou a *literatura das mulheres*, na sequência das hoje talvez menos usadas expressões de *escrita feminina* ou *literatura feminina*¹.

Tradicionalmente, a história da literatura é misógina, sendo a história literária das mulheres uma lenta conquista. Afinal, as «filhas de Eva» foram massivamente arredadas do ensino e confinadas a certos papéis familiares e sociais, suscitando a mulher letrada (*femme savante*) conhecidas reservas na cultura ocidental. Já na atualidade, não estranhemos que a história e a crítica literárias concedam particular atenção à escrita de autoria feminina.

Porém, o problema coloca-se para épocas pretéritas: «Será possível escrever uma História da Literatura Portuguesa anterior a 1900 que inclua as mulheres?» (p. 19). Conhecida essa (quase) exclusão, salienta-se a percentagem mínima de autoras incluídas, em consequência de vários fatores que configuraram a prolongada e inconsciente *dominação masculina* (Bourdieu)². Trabalhos mais recentes como o de Isabel Allegro de Magalhães (*História e Antologia da Literatura Portuguesa*, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em fascículos a partir de 1997 e depois em 4 volumes) contrariam a escassíssima atenção dos historiadores literários à escrita das mulheres. É a partir destes pressupostos que se desenvolveram projetos de investigação, de que o volume em causa é um dos resultados, com a consciência de que é necessário proceder a uma revalorização da escrita das mulheres ao longo de séculos. Escolhendo preferencialmente determinados gêneros literários e escrevendo tantas vezes sob anonimato e pseudonimato (masculino), desde séculos recuados que várias mulheres mantiveram atividade no campo da criação intelectual, mais ou menos desconhecida, menosprezada ou mesmo perseguida.

Deste modo, o grande objetivo desta meritória obra é apresentar uma coletânea de textos representativos, que contribuam para um melhor conhecimento dessa dimensão cultural e literária tradicionalmente ensombrecida. Estamos perante um apreciável trabalho de seleção e de resgate de uma centena de textos, uns mais conhecidos do que outros. A visão de conjunto permite-nos uma pertinente reflexão sobre o tema da escrita de autoria feminina, ao mesmo tempo que nos fornece elementos informativos para uma cartografia do pensamento sobre esta matéria, indispensável a uma renovada História da Literatura Portuguesa.

Com este propósito, e após a definição dos «Critérios de Edição» (p. 23-25), a antologia organiza-se em três partes, cada uma delas constituída por um número desigual de apartados: «Parte I — Mulheres e Cultura Escrita: Discursos Masculinos»; «Parte II — Polêmicas e Querelas»; e «Parte III — Mulheres e Cultura Escrita: Discursos Femininos», a mais longa da coletânea. A terminar, a «Parte IV — Roteiro Bibliográfico», constituída por «Repertórios Bibliográficos» diversos, sem pretensões de exaustividade, pois sempre seria possível acrescentar outras referências, numa área tão vasta de pesquisa.

Assim, na Parte I, para contrariar o (quase) apagamento dos historiadores da literatura sobre a escrita das mulheres em Portugal — ou, paradoxalmente explicar essa postura —, elenca-se um conjunto de textos masculinos representativos da enraizada mundividência que justifica «o silêncio das mulheres», desde textos quinhentistas até setecentistas. De comum, irmana-os uma matriz cultural que preconceituosamente remetia as mulheres para papéis bem delimitados, numa assunção da desigualdade natural entre os géneros.

Neste espírito, embora variando consoante a «classe» e o «estado» das mulheres, a dedicação feminina às letras era bem pouco recomendada ou mesmo condenável. Leigas ou religiosas, aristocratas ou não, desenvolveram as suas capacidades intelectuais em condições desfavoráveis, numa cultura patriarcal que desencadeou nas mulheres escritoras conhecidas e variadas estratégias de dissimulação, bem como interessantes formas de divulgação dos seus escritos, incluindo a circulação de cópias manuscritas. Neste contexto, a escrita das mulheres releva globalmente uma corajosa atitude de resistência face à *doxa* dominante, cujas

fundas reminiscências se estendem até à atualidade³.

Já a Parte II é dedicada às constantes tensões em que, ao longo do tempo e em circunstâncias bem desiguais, se «confrontaram» homens e mulheres, sobretudo numa lógica recorrente de malícia/bondade, ou seja, de elogio/vitupério. No caso português, o texto paradigmático de Baltazar Dias, *Malícia das Mulheres* [1640], desencadeará um conjunto expressivo e temporalmente prolongado de textos sobre as manhas e as virtudes das mulheres, sobretudo na forma de folhetos de cordel, em Portugal e na Europa⁴: «Os folhetos de cordel aqui referidos revelam, contudo, o conhecimento dos lugares-comuns da tradição intelectual que a polémica foi constituindo ao longo dos séculos» (p. 166). Esse filão de *guerra dos sexos* (*querelle des femmes*) é bem sintomático da atmosfera cultural dominante, preenchida por uma visão enraizadamente misógina que nem a tópica literária do amor cortês e petrarquista (de enaltecimento da figura feminina em repetidas convenções literárias) consegue ocultar.

Por fim, a alongada Parte III centra-se propriamente nos discursos femininos, desde Quinhentos até ao século XVIII, subdividindo-se nos seguintes apartados: paratextos e reivindicação de autoria; prosa mística; regras de vida, ditos, sentenças e máximas; ficção narrativa (excertos); memórias, biografias e autobiografias; prosa histórica, académica e de circunstância; epistolografia; e poesia, profana, sacra, política e de circunstância.

Esta classificação tipológica é elucidativa da variedade de géneros cultivada pela escrita das mulheres no referido arco temporal. Ao mesmo tempo, levanta a velha questão da «existência de uma *escrita feminina* ou, por outras palavras, de uma forma de expressão característica das mu-

lheres, diferenciada nos temas, no tom e na forma» (p. 283). Como sugerido, a história mostra-nos que há géneros literários prediletos da escrita das mulheres, a começar pelos chamados géneros intimistas, mais associados à esfera privada (cartas, diários, autobiografia, etc.), a par de outras formas discursivas e genológicas — paratextos, hagiografias, novelas alegóricas, entre outros.

Porém, como observado pela organizadora, isso está longe de transformar essas formas mais frequentes de expressão em «géneros femininos». Simultaneamente, é de notar que os «conteúdos veiculados, eivados de apreciações de alcance geral e defendendo pontos de vista de interesse alargado (ou público) acerca da sociedade ou da política» (p. 284) extravasam algumas convenções literárias da escrita da intimidade. Neste campo dos discursos no feminino, sobressaem nomes tão diversos como: Luísa Sigeia, Bernarda Ferreira de Lacerda, Soror Maria do Céu, Soror Violante do Céu, Teresa Margarida da Silva e Orta, Teresa Josefa de Melo Breyner, Catarina Micaela de Lencastre, entre tantas outras mulheres escritoras.

Por fim, esta coletânea adota como critério a transcrição de textos a partir da sua primeira edição ou mesmo da sua forma manuscrita. Louvável na sua intenção, há situações em que o princípio é discutível, dada a existência de publicações de referência atuais, incluindo edições críticas. Refira-se, apenas a título de exemplo, a *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manuel de Melo (ed. Maria de Lurdes Correia Fernandes, 2003). Por outro lado, em outros casos recorre-se a edições contemporâneas, como a da obra de Francisco Joaquim Bingre.

Depois do afirmado, cumpre concluir que esta antologia responde ao principal objetivo traçado: «reunir elementos que contribuísem para ilustrar a relação

entre as mulheres e a cultura escrita» (p. 21-22) no amplo período cronológico mencionado, concorrendo assim para uma desejável renovação da história da literatura portuguesa; ao mesmo tempo que incentiva atualizadas pesquisas neste enorme campo de estudos.

José Cândido de Oliveira Martins

NOTAS

- ¹ Cf., entre outros estudos, Béatrice Didier, *L'Écriture-Femme*, Paris, PUF, 1981; e Camille Aubaud, *Lire les Femmes de Lettres*, Paris, Dunod, 1993; Iris M. Zavala (coord.), *Breve historia feminista de la literatura española*, vol. 1, *Teoría feminista: discursos y diferencia*, Barcelona, Anthropos, 1997; Ana Gabriela Macedo, «Os Estudos Feministas Revisitados: Finalmente Visíveis?», in Helena Buescu et al. (org.), *Floresta Encantada (Novos Caminhos da Literatura Comparada)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 271-87; Hilary Owen e Cláudia Pazos Alonso, *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy and the Politics of Authorship in 20th-Century Portuguese Women's Writing*, Lewisburg, Bucknell University Press, 2011.
- ² No sentido mais amplo, também Georges Duby e Michelle Perrot se interrogavam: «Votadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma História?» (*História das Mulheres no Ocidente*, vol. I, Porto, Afrontamento, 1993).
- ³ Cf. Ana Vicente, «Antifeminismo (A Resistência ao Evidente)», in António Marujo e José Eduardo Franco (coord.), *Dança dos Demónios*, Lisboa, Temas e Debates, 2009, p. 431-83.
- ⁴ De facto, com enorme fortuna literária e uma matriz cultural antiga, o tópico da *malícia das mulheres* revela-se um filão temático com forte enraizamento na cultura e literaturas portuguesa e europeia, nomeadamente desde o século XVI até ao Século das Luzes, como demonstrado no estudo de Luisa Paolinelli, *As Malícias das Mulheres. Discursos sobre Poderes e Artes das Mulheres na Cultura Portuguesa e Europeia*, Esfera do Caos (no prelo).